

# REVISTA BRASIL-OESTE E O PROJETO DE DESENVOLVIMENTO PARA O ESTADO DE MATO GROSSO

EDUARDO DE MELO SALGUEIRO\*

Este texto se refere ao projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo e que tem por objetivo central analisar a *Revista Brasil-Oeste*, que foi publicada entre os anos de 1956 e 1967. De modo geral, buscamos apresentar ao leitor as representações que dela emanavam, especialmente sobre o Estado de Mato Grosso. Neste texto, apresentamos alguns dos passos dados até o momento, além de mostrarmos aspectos que já conseguimos avançar, especialmente no que diz respeito às fontes já adquiridas e também as possibilidades metodológicas no uso dessas fontes e sua aplicação na pesquisa.

A razão pela qual nos levou a estudar este tema foi a nossa preocupação com temas que envolvem a imprensa e sua influência no cotidiano das pessoas. A possibilidade de estudar uma revista, surgida na metade do século XX, momento peculiar na história da imprensa no Brasil,

nos entusiasmos. Nesse sentido, nosso primeiro passo foi conseguir o maior número possível de exemplares da *Revista Brasil-Oeste*. A coleção completa da revista abrange uma quantidade de 123 edições, publicadas entre os anos de 1956 e 1967.

Soubemos da existência de diversas publicações da *Brasil-Oeste* na Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados. Lá constatamos que se tratava apenas de 39 (trinta e nove) edições, de números diversos. Meses mais tarde, soubemos que a Biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana, tinha no seu acervo a coleção completa da revista. Deslocamo-nos até lá, a fim de buscar as edições restantes, e depois de alguns dias de trabalho, conseguimos coletar os 84 (oitenta e quatro) exemplares que nos faltavam para completar a coleção, armazenando-os em arquivos digitais por meio de recursos fotográficos.

Desde o início, pudemos perceber o quanto o discurso de desenvolvimento e modernidade era forte neste mensário e a paixão das palavras escritas por seus articulistas. Na medida em que fomos manuseando as fontes, nos chamou atenção o fato de que uma questão era especial: ela não era encarada como um simples periódico; havia um projeto por trás de suas reportagens, com o objetivo central de tornar *visível* o centro-oeste do Brasil (especialmente Mato Grosso), para investidores e políticos de outras regiões do país.

Nesse sentido, resolvemos empreender uma pesquisa que visasse destacar elementos no intuito de demonstrar as *representações* presentes nas páginas da *Revista Brasil-Oeste* que evidenciassem o *ideal* de desenvolvimento para o Estado de Mato Grosso.

Concomitantemente ao período em que eu reuníamos a coleção da revista, buscamos textos que de alguma forma utilizaram a *Brasil-Oeste* como fonte de pesquisa. Encontramos algumas dificuldades para encontrá-los, e nos causou estranheza o fato de que mesmo configurando notória representatividade, esta revista não havia sido objeto de nenhum estudo sistemático. Nos textos que conseguimos organizar, que faziam menção à

revista, a utilização deste periódico serviu apenas como fonte auxiliar ou subsidiária.

Alcir Lenharo fez referência à *Revista Brasil-Oeste* quando analisou a política de distribuição de terras no Estado de Mato Grosso entre o período do Estado Novo até a década de 1950. Este autor usou de alguns artigos e propagandas da revista para demonstrar os discursos favoráveis à política liberal de venda de terras, especialmente em razão dos diversos anúncios publicitários de colonizadoras privadas.<sup>1</sup> Carlos Edinei de Oliveira fez uso desta revista como fonte para demonstrar as propagandas relacionadas ao Mato Grosso que tinham por objetivo divulgar o potencial das terras deste estado a possíveis investidores de todo o país e estrangeiros.<sup>2</sup> Contudo, o objeto central deste pesquisador foi entender a relação das primeiras famílias migrantes com o ambiente que passaram a ocupar no momento da colonização de Tangará da Serra-MT e as representações que elaboraram sobre os aspectos gerais desta região.

Jocimar Lomba Albanez, preocupado com o processo de colonização do sul de Mato Grosso e as relações de trabalho que se deram nesta região, faz alguns apontamentos sobre a postura de articulistas da *Brasil-Oeste*, que sugeriam ao poder público que se trouxesse mão de obra nordestina para as fazendas de Mato Grosso.<sup>3</sup> Eudes Fernando Leite faz uso da revista na sua dissertação de mestrado.<sup>4</sup> Leite utiliza diversas edições do mensário, especialmente quando se tratava de reportagens pertinentes à cidade de Aquidauana-MT, uma vez que seu objeto central é tratar da repressão política neste município, enfocando o período que engloba o Golpe Militar de 1964.

Eudes Fernando Leite, contudo, foi o único que utilizou a *Brasil-Oeste* como fonte principal de análise em artigo escrito com o intuito de mapear as considerações da revista sobre a proposta de reforma agrária feita pelo governo federal, sob a presidência de João Goulart no início da década de 1960.<sup>5</sup> Leite faz uso de alguns textos que debateram esta questão, demonstrando que o posicionamento dos diretores do periódico era de contrariedade às reformas. A importância deste estudo reside no fato de que

seu autor aponta algumas características da revista, tais como o possível público leitor, as relações com políticos e fazendeiros de Mato Grosso e faz a seguinte constatação: “Dando ênfase aos acontecimentos políticos, econômicos e sociais do país, além do Centro-Oeste, *Brasil-Oeste* não poderia ser tomada apenas como veículo informativo sem maior importância”.<sup>6</sup>

Porém, mesmo avançando em alguns aspectos, o artigo de Eudes Fernando Leite, publicado no ano de 1995, foi o primeiro e único que articulou a *Brasil-Oeste* como fonte principal. Muitos anos se passaram e nenhum outro trabalho recorreu à revista para uma pesquisa mais aprofundada. Alguns outros estudos<sup>7</sup> apenas fizeram citação rápida de trechos de artigos, porém, sem maiores detalhamentos.

Apesar dos esforços destes pesquisadores, ainda existem muitos aspectos que precisam ser aprofundados em se tratando de um impresso tão importante como foi a *Revista Brasil-Oeste*. Aspectos compreensivelmente não analisados pelos autores acima descritos, já que não era objetivo de seus trabalhos um estudo especialmente focado na *Brasil-Oeste*, com exceção do artigo de Eudes Fernando Leite, que mesmo sendo pioneiro na iniciativa de realizar um estudo específico sobre esse impresso, não pôde contemplar todo o universo que o cercava, posto que o resultado de sua pesquisa foi apresentado na forma de artigo científico, com as limitações de espaço que são comuns a esse tipo de publicação.

Dito isto, procuramos analisar a revista *Brasil-Oeste* sob outra perspectiva, diferentemente dos pesquisadores que a utilizaram como fonte. Assim, encaramos a ideia defendida por Tania Regina de Luca, que visa delinear uma abordagem em que, a um só tempo, a imprensa periódica seja tomada como fonte e objeto de pesquisa historiográfica,<sup>8</sup> como ideal, pois nosso intuito é entendê-la (a revista) como o *problema* histórico a ser questionado.

Helena de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto afirmam que na maioria das vezes, os jornais e revistas “são tomadas como meras fontes de informação. Via de regra, o que prevalece é uma pesquisa sobre o assunto

em pauta, na qual artigos e seções identificados são imediatamente deslocados dos veículos e integrados, sem quaisquer mediações de análise, ao contexto macro da pesquisa”.<sup>9</sup> E é justamente deste problema que tentamos fugir.

Felizmente, desde os fins da década de 1970, as fontes periódicas (jornais, revistas, entre outros) têm recebido maior atenção por parte dos historiadores, pois se antes pareciam inadequadas “para a recuperação do passado, uma vez que (...) continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”;<sup>10</sup> “nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar”.<sup>11</sup>

No Brasil, as fontes periódicas se consolidaram especialmente pelas pesquisas que se preocuparam em analisar as representações veiculadas nas páginas de jornais, revistas, pasquins, etc. É sabido que ampliaram-se os programas de pós-graduação que voltaram seus olhares para os estudos sobre representação e através deles, houve uma ampliação de pesquisas que utilizaram fontes periódicas. Isto se explica pela grande importância que os diferentes meios de comunicação foram assumindo nas últimas décadas.<sup>12</sup>

Por suas peculiaridades frente às demais fontes, as publicações sequenciais podem proporcionar ao pesquisador a possibilidade de conjecturar quais seriam os temas de interesse em uma determinada época, a maneira como foram abordados, quem eram seus autores e seus leitores.<sup>13</sup> São algumas das variáveis que permitem analisar as representações inseridas nos impressos de forma que se possa estabelecer uma possibilidade de compreensão da inteligibilidade histórica nelas inculcida.<sup>14</sup>

Maria Helena Capelato e Eliane Regina Dutra fizeram um levantamento de 100 dissertações e teses entre os anos de 1994 e 1997, que se preocupavam em analisar as *representações políticas*. Duas de suas constatações merecem ser aqui elencadas. A primeira delas reside no fato de que os tipos de fontes mais utilizadas nas pesquisas analisadas por estas

pesquisadoras foram as periódicas, demonstrando o quanto as revistas e jornais são importantes para as análises que trabalham com representações, especialmente políticas. A segunda constatação também se faz importante uma vez que Roger Chartier está entre os historiadores estrangeiros mais referenciados na bibliografia desses trabalhos.<sup>15</sup>

Deste modo, esta pesquisa ancora-se teoricamente no conceito de *representação* articulado por Roger Chartier. Segundo Cardoso, “Chartier defende uma definição de história primariamente sensível às desigualdades na apropriação – por indivíduos ou grupos – de materiais ou de práticas comuns”.<sup>16</sup> Assim, contra qualquer tipo de homogeneização, o conceito de *representação* corre em sentido contrário, buscando encontrar as pluralidades do pensamento e dos grupos sociais, “a história das representações propõe introduzir novas escalas de análise, capazes de integrar ao social e histórico os atores individuais”.<sup>17</sup>

Em entrevista concedida ao Jornal *Extra-Classe*, no ano de 2007, questionado sobre como elaborou o conceito de *representação*, Chartier ressalta que partiu de duas críticas essenciais:

a primeira se refere à tradição da história social esquecendo que a construção das identidades não se reduz apenas aos critérios objetivos da riqueza, das ocupações, da propriedade, mas também das lutas que apostam nas divisões, classificações, hierarquias do mundo social; a outra está centrada na noção de uma “mentalidade” demasiado homogênea e rígida, enquanto o conceito de representação permite definir claramente, para cada grupo social ou classe, as representações coletivas que crescem às estruturas do mundo social aos indivíduos, e à construção dos comportamentos e hábitos encarregados de mostrar uma identidade recuperada. Assim, esse conceito (...) consegue unir, estreitamente, posições e trajetórias sociais, categorias mentais e práticas.<sup>18</sup>

O historiador francês entende que o conceito de representação é um importante apoio, para que seja possível articular “las diversas relaciones que los individuos o los grupos mantienen con el mundo social”. Três são as razões principais:

[...] en primer lugar, las operaciones de clasificación y jerarquización que producen las configuraciones múltiples mediante las cuales se percibe y representa la realidad ; a continuación, las prácticas y los

signos que apuntan a hacer reconocer una identidad social, a exhibir una manera propia de ser en el mundo, a significar simbólicamente un estatus, un rango, una potestad; por último, las formas institucionalizadas por las cuales unos “representantes” (individuos singulares o instancias colectivas) encarnan de manera visible, “presentifican”, la coherencia de una comunidad, la fuerza de una identidad o la permanencia de un poder .<sup>19</sup>

Ainda segundo Chartier:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade.<sup>20</sup>

Ora, se as lutas de representações são articuladas pelos vários grupos que compõem uma sociedade, e centram “atenção sobre estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade”,<sup>21</sup> o jornal ou revista são para o historiador uma rica fonte de estudos, uma vez que, por detrás de suas reportagens, existem grupos de pessoas que idealizaram um projeto, o colocaram em *prática* através da produção deste impresso, e passaram a *representar* a si mesmos, aos seus interesses, e ao grupo de leitores por eles imaginados.

Esta ideia está no cerne da questão, pretendemos descobrir no decorrer desta pesquisa, a maneira pela qual o grupo que exercia poder frente à *Revista Brasil-Oeste* se articulou de modo a exercerem influência nas políticas públicas do Mato Grosso. Tratando-se de uma revista mensal, editada no Estado de São Paulo, este periódico era produzido com o único intuito de levar o *grito* do Mato Grosso aos ouvidos dos políticos federais, dos grandes investidores e dos fazendeiros de outras regiões. Assim, buscase entender o que motivou os diretores do mensário, residentes na capital paulista, a falar sobre a região oeste do país.

Assim, achamos essencial caracterizar o grupo que a produzia, os seus principais colaboradores, o público que a destinava, as fontes de sua receita,<sup>22</sup> para entendermos o projeto de desenvolvimento que a mesma se propugna a fazer.

Visando promover o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso, a *Revista Brasil-Oeste*, estabeleceu um conjunto de metas, uma espécie de manifesto-programa, encarado como um grande *projeto* visando por em evidência a região centro-oeste, e que merece ser aqui destacado. Vejamos:

Brasil-Oeste tem um programa definido, visando a acelerar o progresso na região Centro-Oeste do país. Dêle destacam-se os seguintes itens:

- 1 – Colonização intensiva nos Estados de Mato Grosso e Goiás;
- 2 – Fomento da cultura da seringueira nas regiões Norte e Noroeste de Mato Grosso;
- 3 – Incremento da cafeeicultura no Leste e Oeste de Mato Grosso e no Sul de Goiás;
- 4 – Fomento da triticultura nas áreas de Dourados, Itaporã, Maracaju, Bonito, Guia Lopes da Laguna e Terenos;
- 5 – Fomento da lavoura de algodão nas áreas de Dourados, Rio Brillhante e Campo Grande;
- 6 – Introdução de práticas modernas no criatório e incentivo à formação de plantéis de gado leiteiro na região sulina de Mato Grosso;
- 7 – Pesquisas e exploração do petróleo na zona pantaneira de Mato Grosso;
- 8 – Expansão da rede ferroviária em direção de Cuiabá, e ligação, por estrada de ferro, da Capital mato-grossense a Brasília;
- 9 – Aproveitamento do potencial hidráulico da região da Bacia Paraná-Uruguai;
- 10 – Introdução de indústrias de abastecimento nos Estados de Mato Grosso e Goiás.

COOPERE PARA O DESENVOLVIMENTO RÁPIDO DÊSSE PROGRAMA ECONÔMICO-SOCIAL, tornando-se assinante da *BRASIL-OESTE*.<sup>23</sup>

Como se pôde perceber, havia um projeto a ser desenvolvido por este periódico e assim sendo, precisamos conhecer o *grupo* que estava por trás desse planejamento. Como fazemos isso? Ora, em primeiro lugar, para entendermos um *grupo*, é necessário situá-lo junto às condições históricas do período em que esteve efetivamente ativo, neste caso, *representando* seus interesses através da *revista*. Consequentemente, é importante apreender

também o momento da imprensa no contexto histórico. Porém, alguns cuidados são necessários, uma vez que é possível cometermos dois erros caso não consigamos historicizar a fonte adequadamente. O primeiro deles é contar a história da imprensa numa perspectiva linear, que visa traçar uma reta de continuidade que une a invenção da imprensa de Gutenberg aos grandes conglomerados jornalísticos do presente.<sup>24</sup> Certamente este tipo de *pano de fundo* histórico corre o risco de ser muito abrangente e superficial. Outra análise que pode apresentar problemas é aquela que apresenta a sua fonte (jornal, revista, pasquim) desvincilhada do “mergulho do seu tempo”, como se *ela* existisse fora da realidade e *brotasse*, totalmente desvinculada da história. É necessário fazer a advertência de que a “imprensa não se situa acima do mundo ao falar dele”.<sup>25</sup>

O que é preciso fazer para resolver este problema? Segundo as pesquisadoras Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário C. Peixoto, a questão central é “enfrentar a reflexão sobre a historicidade da imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de sua constituição”.<sup>26</sup> Ela não pauta totalmente a sociedade e também não é apenas reprodutora de fatos, esta tensão merece todo cuidado possível. O historiador americano Robert Darnton, ao analisar o papel da tipografia na *Revolução Francesa* nos adverte que a prensa tipográfica ajuda a dar forma aos eventos que registra, é uma força ativa e não um mero ingrediente do acontecimento. O autor ressalta ainda que neste momento da história da França, “a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião pública”.<sup>27</sup>

No caso do Brasil, a história da imprensa seguiu uma lógica parecida. Grande parcela dos periódicos brasileiros sempre foram campos minados de disputas políticas, de onde emergiram diversas *lutas por representações*, as quais, como ressalta Chartier, “têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio”.<sup>28</sup>

A importância dessa constatação reside no fato de que devemos fugir de um tipo de abordagem que se dedica a analisar somente o texto pelo texto, sem preocupações maiores com tudo aquilo que o envolve. Assim, os pesquisadores da imprensa devem partir do princípio de que a produção de um impresso, seja um livro, um jornal ou uma revista, possui sua historicidade em consonância com as possibilidades existentes no momento de sua produção.

Ana Luiza Martins também faz uma advertência pertinente sobre as possíveis armadilhas que podem surgir quando se trata de uma fonte do tipo periódica, tal como uma revista. Devemos cuidadosamente nos dedicar a localizar e compreender o lugar histórico do objeto. Segundo a autora,

(...) a constância do uso de revistas como fonte histórica vem revelando que frases e imagens de periódicos pinçadas aqui e acolá, descosturadas do mergulho em seu tempo (...) não iluminam suficientemente o passado. A pertinência desse gênero como testemunho do período só é válida se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia, e em especial, da natureza dos capitais nele envolvidos.<sup>29</sup>

Assim, procuramos então fazer as seguintes perguntas: Quais eram as condições existentes quando foi publicada a *Revista Brasil-Oeste*? Em que medida os avanços e limitações técnicas; o momento vivido pela profissão do jornalismo no Brasil e a relação deste periódico com publicações similares puderam influenciar na sua produção?

Partindo destes pressupostos teóricos e metodológicos, nossa pesquisa será dividida em três partes. Buscaremos analisar alguns aspectos históricos da imprensa do Brasil enfatizando a década de 1950, recorte temporal deste estudo, pois é na metade desta década que a revista *Brasil-Oeste* foi publicada pela primeira vez. Nossa preocupação principal será inseri-la no momento histórico brasileiro da década de 1950, especialmente no que diz respeito ao papel da imprensa neste. Para isso, utilizarei diversos estudos para a coleta de informações acerca da história da imprensa no Brasil.<sup>30</sup>

Além de demonstrar aspectos preliminares sobre este mensário, faremos também uma descrição biográfica do Jornalista Fausto Vieira de

Campos, diretor e dono da revista, no intuito de descobrir aspectos de sua vida e de que maneira puderam influenciá-lo na sua profissão no ramo do jornalismo.

Logo em seguida, será necessário fazer uma análise detalhada da história da revista propriamente dita, depois do seu lançamento, em 1956 até o fim de sua publicação, no ano de 1967. Nos dedicaremos exaustivamente na análise dos principais aspectos da revista, desde a capa, até a apresentação dos principais colaboradores e anunciantes. Buscamos destacar, conforme enfoque metodológico oferecido por Tania Regina de Luca, os aspectos materiais da revista, sua aparência física (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ ausência de ilustrações), a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público a que visava atingir, os objetivos propostos,<sup>31</sup> sistemas de produção, etc.

Esta etapa do trabalho se faz importante para que posteriormente possamos analisar as representações emitidas pelo periódico sobre o Estado de Mato Grosso através de suas reportagens, colunas e também as propagandas presentes na *Revista Brasil-Oeste*. Todos os elementos que considerarmos ser importantes no intuito de destacar o potencial das atividades econômicas da região serão destacados.

Para tal tarefa, conforme já assinalamos, utilizaremos todos os números da *Revista Brasil-Oeste*. As representações que emanavam da revista se davam em duas frentes principais: A primeira se dedicava especialmente a anunciar novas tecnologias que pudessem servir às atividades agropastoris, tendo como público alvo os fazendeiros. A segunda via era mais específica e consistia na tentativa por parte dos diretores do periódico e do grupo em torno deles, apresentar dados econômicos, políticos, geográficos, de infraestrutura, entre outras possibilidades, que demonstrassem aos investidores a viabilidade econômica que emergia no Estado de Mato Grosso, que seria um verdadeiro paraíso para investimentos.

São várias as tentativas da revista em demonstrar as benesses da região em detrimento das suas dificuldades, que, aliás, eram sempre

atribuídas ao descaso dos políticos de ordem federal, ou seja, à União. O discurso permanente na *Brasil-Oeste* condiz com o momento histórico vivido pelo país: modernidade e desenvolvimento. Tudo gira em torno destes dois termos, enraizados na proposta editorial do periódico. Para analisar de maneira geral este momento no Brasil, utilizaremos bibliografia que traz o tema para efeitos de discussão. Nossa pergunta principal, neste capítulo, é: Que tipo de desenvolvimento econômico era encarado como ideal nas páginas da revista? Aonde podemos encontrar este discurso nas suas páginas? São estas as questões que tentaremos resolver.

A *Revista Brasil-Oeste* atingiu uma tiragem de 18.500 (quinze mil) exemplares mensais em meados da década de 1960, vendeu um total de 1.500.000 exemplares por toda sua história e estendeu seus representantes e correspondentes a vários lugares do país. Dessa maneira, os dados existentes nas colunas da *Revista Brasil-Oeste* são de grande valia para uma análise em relação à sua participação na propaganda do Estado de Mato Grosso. Ela se tornou um referencial importante também para entender o momento histórico da região oeste do país. Visando promover o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso, a *Brasil-Oeste*, estabeleceu um conjunto de metas encaradas como um grande *projeto* visando por em evidência a região centro-oeste. O caráter *desbravador* planejado pelos diretores da revista fica evidenciado no plano por ela estabelecido, e nas suas diversas reportagens. Fica claro, pelo menos em princípio, que se tratava de um projeto ambicioso, os diretores e articulistas da revista não hesitavam em questionar o governo estadual, e ainda mais o governo federal em relação aos problemas presentes na região.

Porém, outras possibilidades também são passíveis de análise, como por exemplo, as tentativas de controle dos diretores da revista sobre seus leitores. Assim, levantamos a seguinte questão: Qual era sua comunidade de leitores e qual a importância da revista para estes leitores? Analisando a fonte, notamos que havia possibilidades de ampliar esta pesquisa, não isolando a análise somente no âmbito das representações.

Neste tipo de abordagem que pretendemos fazer, nos deteremos mais na análise da tentativa dos diretores na *produção de sentidos* do que a

resistência da recepção e suas diferentes apropriações.<sup>32</sup> Nesse sentido, analisaremos a recepção dos leitores apenas quando elas contribuam de acordo com as representações emitidas pela revista, pois não acho possível compreender essas representações, sem levar em conta que elas são guiadas a partir de uma expectativa de um tipo específico de leitor, de uma comunidade de leitores que compartilham aquilo que é dito pela revista.

As fontes que possuímos são trechos de cartas apresentados na seção dos leitores e também discursos oficiais de diversos políticos elogiando a revista, além das diversas honrarias dedicadas a ela e como isto era importante para que os diretores pudessem apresentar ao seu leitor o *poder* de suas palavras. Documentos como atas das sessões ordinárias da Câmara Municipal de Campo Grande, Corumbá e Cuiabá; e documentos da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso também seriam utilizados, pois neles encontram-se relatos elogiosos sobre esse periódico e seu idealizador, Fausto Vieira de Campos, importantíssimos para acessar o intrincado universo de recepção da *Brasil-Oeste*, uma vez que podem evidenciar a importância da revista para o cenário político mato-grossense.

Contudo, em decorrência da abundância de fontes, talvez não haja espaço para analisar a recepção dos leitores e a tentativa de controle por parte dos diretores da revista, o que significa dizer que faremos isso numa pesquisa futura.

Desta forma, imaginamos ser possível, preliminarmente, mesmo que ‘apenas’ no âmbito das *representações*, entender o projeto articulado por Fausto Vieira de Campos, no período de doze anos de circulação da *Revista Brasil-Oeste*, através da análise da história de sua produção e das diversas reportagens dedicadas àquilo que era entendido como moderno e desenvolvido no país na década de 1950 e 1960.

Assim, lançamos a seguinte pergunta: Por que a revista *Brasil-Oeste* se julgava capaz de elevar o Estado de Mato Grosso ao lugar que merecia estar: no *mundo desenvolvido*? Compreender este projeto será o nosso objetivo na pesquisa que estamos desenvolvendo.

## NOTAS

\* Mestrando em História pela Universidade Federal da Grande Dourados, bolsista CAPES sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz. Eduardo de Melo Salgueiro E-mail: eduardomsalgueiro@gmail.com

<sup>1</sup> LENHARO, Alcir. A Terra para quem nela não trabalha (A especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 6, n<sup>o</sup> 12, p. 47-64.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Carlos Edinei. *Família e Natureza*. As Relações entre famílias e ambiente na construção da colonização de Tangará da Serra-MT. Cuiabá/MT, 2002. Dissertação (Mestrado em História).

<sup>3</sup> ALBANEZ, Jocimar Lomba. *Sobre o processo de ocupação e as relações de trabalho na agropecuária: extremo sul de Mato-Grosso (1940-1970)*. Dourados/MS, 2003. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>4</sup> A Dissertação de mestrado de Eudes Fernando Leite foi recentemente publicada pela Editora da UFGD sob o título: *Aquidauana: a baioneta, a toga e a utopia, nos entremeios de uma pretensa revolução* . / Eudes Fernando Leite. – Dourados, MS, 2009.

<sup>5</sup> LEITE, Eudes F., *Reforma Agrária* nas páginas da revista Brasil-Oeste. *Revista Científica*, Campo Grande, v. 02, n. 02, p. 68-72, 1995.

<sup>6</sup> LEITE, Eudes F., Reforma Agrária nas páginas da revista Brasil-Oeste, p. 69.

<sup>7</sup> AMARILHA, Carlos Magno M. *Os Intelectuais e o Poder: História, Divisionismo e Identidade em Mato Grosso do Sul*. Dourados/MS. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados; GARDIN, Cleonice. *A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai no planejamento regional brasileiro (1951-1972)*. Dourados-MS: Editora UFGD, 2009; MORO, Nataniél D. De trabalhador rural para operário urbano. *V Encontro Nacional sobre Migrações*, 2007, Campinas-SP. Anais do V Encontro Nacional sobre Migrações. São Paulo-SP: ABEP/NEPO-UNICAMP, 2007. p. 1-26; ZORZATO, Osvaldo. *Conciliação e identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*. 1998, 181f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo.

<sup>8</sup> DE LUCA, Tania Regina. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In:\_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 141.

<sup>9</sup> CRUZ, Heloísa F.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 235-270, dez. 2007, p. 256.

- <sup>10</sup> DE LUCA, Tania Regina. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In:\_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111.
- <sup>11</sup> CRUZ, Heloísa F.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 235-270, dez. 2007, p. 254.
- <sup>12</sup> CAPELATO, Maria Helena R.; DUTRA, Eliana Regina de F. Representação Política: O Reconhecimento de um Conceito na Historiografia Brasileira. In:\_\_\_\_\_. CARDOSO, Ciro Flamarion Cardoso; MALERBA, Jurandir. (Org.). *Representações*. Contribuição a um Debate Transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000, p. 240.
- <sup>13</sup> CORRÊA, Ana Maria Martinez. (Prefácio) In: DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. 1ª. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p. 11.
- <sup>14</sup> DE LUCA, Tania Regina. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In:\_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.
- <sup>15</sup> CAPELATO, Maria Helena R.; DUTRA, Eliana Regina de F. Representação Política: O Reconhecimento de um Conceito na Historiografia Brasileira. In:\_\_\_\_\_. CARDOSO, Ciro Flamarion Cardoso; MALERBA, Jurandir. (Org.). *Representações*. Contribuição a um Debate Transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000,, p. 243-248.
- <sup>16</sup> CARDOSO, Ciro F, Introdução: Uma opinião sobre as representações sociais. In:\_\_\_\_\_. CARDOSO, Ciro Flamarion Cardoso; MALERBA, Jurandir. (Org.). *Representações*. Contribuição a um Debate Transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000, p. 12.
- <sup>17</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. A História Como Representação do Passado: a nova abordagem da historiografia francesa, In:\_\_\_\_\_. CARDOSO, Ciro Flamarion Cardoso; MALERBA, Jurandir. (Org.). *Representações*. Contribuição a um Debate Transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000, p.81-89.
- <sup>18</sup> Jornal Extra Classe. Entrevista feita por Jacira Cabral, e está disponível para acesso em: <http://www.sinpro-rs.org.br/extraclass/mai07/entrevista.asp>, acessado em 10.07.2010.
- <sup>19</sup> CHARTIER, Roger, Defensa e ilustración de la noción de representación [Mimeo], p. 7.
- <sup>20</sup> CHARTIER, Roger, O mundo como representação. *Estudos Avançados*, vol.5, n°11, Jan./Abr. 1991, p. 183.
- <sup>21</sup> CHARTIER, Roger, O mundo como representação. *Estudos Avançados*, vol.5, n°11, Jan./Abr. 1991., p. 184.
- <sup>22</sup> DE LUCA, Tania. História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In:\_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 142
- <sup>23</sup> Revista *Brasil Oeste*, n° 50, julho de 1960, p. 13 (maiúsculas do original).

<sup>24</sup> CRUZ, Heloísa F.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 235-270, dez. 2007, p. 257.

<sup>25</sup> CRUZ, Heloísa F.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 235-270, dez. 2007, p. 259.

<sup>26</sup> CRUZ, Heloísa F.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 235-270, dez. 2007, p. 257.

<sup>27</sup> DARTON, Robert; ROCHE, Daniel. (Org.) *Revolução Impresa: A Imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: EDUSC, 1996, p. 15.

<sup>28</sup> CHARTIER, Roger, *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990., p. 17.

<sup>29</sup> MARTINS, Ana Luiza, Da Fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*. São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003, p. 60-61 (Os grifos são nossos).

<sup>30</sup> ABREU, Alzira Alves de. *Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996; DE LUCA, Tania Regina; MARTINS Ana Luíza (Org.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008; LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: A Guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; RIBEIRO, Ana Paula G. A imprensa da independência e do primeiro reinado: alguns apontamentos. *Pauta Geral*, 9, 17-32. 2007; RIBEIRO, Ana Paula G. Clientelismo, Corrupção e Publicidade: Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro nos anos 50. *Contracampo: revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação*, Niterói, v.4. 1999; RIBEIRO, Ana Paula G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos - CPDOC/ FGV*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 147-160, 2003; RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Espaço Público: A Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1964)*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

<sup>31</sup> DE LUCA, Tania Regina, História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos. In: \_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 138.

<sup>32</sup> Acredito, porém, que existe a interferência do leitor na obra do autor que intervém diretamente tanto no suporte quanto no discurso de qualquer periódico que seja, pois precisamos considerar as relações entre o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera, conforme ressalta Chartier, no momento em que os textos são recebidos, existe um desvio, uma variação e reinterpretação (*A Beira da Falésia*, p. 53).